



ATA Nº 5/2018

Aos 25 dias de abril do ano 2018, pelas 11.00 horas, reuniu, em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal na sua sala de reuniões, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único: Comemoração do 25 de Abril

A Sessão foi presidida pela Presidente da Assembleia Municipal, Maria Filomena Maia Gomes e secretariada por Joana Raquel da Silva Devezas e Rosa Martins de Freitas Duarte.

A Presidente da Assembleia Municipal deu início à sessão evocativa do **25 de Abril**, apresentando o Coro "Amigos de Espinho" dirigido por Fausto Neves, que havia sido convidado para esta comemoração do **25 de Abril** para um momento musical alusivo à efeméride, com a participação de Luis Duarte (piano) e Anthero Monteiro (declamação). As canções interpretadas, compostas por Fernando Lopes-Graça em conjunto com poetas neo-realistas, foram as seguintes: *das "Canções Regionais Portuguesas"*: Os Homens que vão para a Guerra (Douro Litoral); *Das "Canções Heroicas"*: Ronda (João José Cochofel); Mãe Pobre (Carlos de Oliveira); Firmeza (João José Cochofel); Ó Pastor que Choras (José Gomes Ferreira); Livre (Carlos de Oliveira); Jornada (José Gomes Ferreira); Acordai (José Gomes Ferreira); Grândola (José Afonso).

Terminado o momento musical, a Presidente da Assembleia Municipal procedeu à distribuição de ramos de flores brancas pelos elementos do Coro e pelos Srs. Vogais presentes, dando assim por encerrado este momento.

Deu então a palavra aos representantes dos diversos grupos políticos com assento neste órgão municipal.

Assim:

António Andrade (BE): "Hoje comemoramos o quadragésimo quarto aniversário da derrota do regime totalitário, da ditadura do estado novo. O 25 de Abril constituiu a rutura fundadora da Democracia em Portugal. Significou insubmissão, solidariedade e futuro. Hoje lembramos e comemoramos essa insubmissão. Lembramos todas e todos os que lutaram por Abril. Mas comemoramos também a renovação das forças que lutam pela modernidade. A Revolução dos Cravos trouxe a Democracia, construiu justiça e igualdade, afirmou-se como parceira dos direitos humanos e do reconhecimento das liberdades dos povos. Proclamou e conquistou novos direitos – Liberdade, Democracia, Igualdade. Trouxe a esperança e o direito à vida com qualidade; trouxe o acesso universal ao emprego com direitos; trouxe o direito à saúde, o direito à educação, à cultura, à justiça e à habitação. Abril trouxe a Democracia e com ela a liberdade de imprensa; trouxe o Estado de Direito, o poder autárquico democrático, a separação de poderes; trouxe o desenvolvimento sustentável, o respeito e reconhecimento dos Direitos Humanos e da igualdade entre homens e mulheres. Estas são as cores que a paleta de Abril inscreveu na Constituição de 1976. Mas lembrar abril é muito mais do que carregar um cravo ao

peito uma vez por ano! Assumindo os ideais e valores essenciais contidos na génese do 25 de Abril, como a convivência multicultural, a paz, a dignidade e o desenvolvimento de uma economia sustentada de pleno emprego e assente na estabilidade, proteção e igualdade social, o Bloco de Esquerda sinaliza e denuncia que o exercício da cidadania não só não é plenamente vivenciado, como é constantemente atacado: o acesso à justiça, à saúde, à educação e à cultura estão longe de serem universais e as assimetrias territoriais e sociais crescem e ganham novos contornos. A doutrina da austeridade fez recuar a evolução dos direitos das populações, aumentar desigualdades sociais e um grave retrocesso nas liberdades e direitos conquistados por Abril. Em boa hora se iniciou um novo ciclo político. Com o Bloco de Esquerda conquistou-se o fim dos cortes nos salários e nas pensões, o aumento do salário mínimo nacional, o descongelamento e o aumento extraordinário de pensões, o fim da sobretaxa, a implementação de um programa de combate à precariedade e a revisão dos escalões do IRS, de forma a aliviar as famílias com menores rendimentos. Mas não ignoramos que muito há para mudar e muito há a fazer. Para o Bloco de Esquerda, a saúde não pode rimar com parcerias público privadas; submissão não pode ser condição de nenhum ser humano. Abril não se escreve com o desmantelamento dos serviços públicos nem com o assassinato ambiental. Não há poesia de Abril com mais precariedade no trabalho, nem tampouco com mais pobreza. Entendemos ainda que nos cabe a nós, homens e mulheres de Abril, lutar pela abertura do espectro das novas liberdades individuais e sociais. Por isso, Abril não pode ficar preso a uma celebração com data marcada no calendário. Abril constrói-se todos os dias: no combate à pobreza e à exclusão social; na defesa do trabalho com direitos para todas e todos; na luta por um Serviço Nacional de Saúde que garanta a universalidade e a gratuitidade; na luta por mais investimento na Educação; na defesa e proteção da natureza e do ambiente como bens públicos inalienáveis na construção de uma sociedade com maior qualidade de vida; na construção de uma justiça célere, eficaz e acessível aos cidadãos e cidadãs social e economicamente mais débeis; no reconhecimento dos direitos das minorias étnicas e no respeito pela sua identidade e história; no reconhecimento e respeito pelas minorias sexuais e no empenhamento na batalha pelos seus direitos; na luta, sem tréguas, pela igualdade entre homens e mulheres. Não esqueçamos e não deixemos que se esqueça que a Revolução dos Cravos é, como afirma um eminente historiador português, “o código genético da nossa Democracia” e que “a memória é a argamassa da nossa identidade”. Torna-se, pois, indispensável e inadiável “uma luta pela memória.” Para que não se esqueçam as lutas e os sacrifícios, pessoais e coletivos, que se travaram no caminho árduo pela conquista da democracia. E que não esqueçamos que fortalecer a democracia é lutar pela garantia do acesso à saúde; pela garantia do acesso à educação; é lutar pelo acesso à habitação; é lutar pelo acesso à cultura; é combater a precariedade no trabalho; é reconstruir os serviços públicos e os direitos laborais. Tal como no país, em Espinho, urge a mudança. O país mudou, o concelho precisa também de mudar. Para aprofundar essa madrugada que o país tanto ansiou, para concretizar esse dia inteiro e limpo. Em Espinho, os bens públicos foram apropriados pelos privados. Em Espinho temos bairros degradados e equipamentos



abandonados; proliferam os empregos assentes nos baixos salários, na precariedade, nas discriminações salariais entre homens e mulheres e na mão-de-obra desqualificada. Mas no Bloco de Esquerda não nos resignamos! Batemo-nos por um projeto de esperança. Lutamos e lutaremos com e para as pessoas, por uma sociedade assente na modernidade e alicerçada num modelo de desenvolvimento cultural, social e económico capaz de integrar todas as pessoas e de lhes garantir todas as oportunidades. Como cantou José Mário Branco: "Sempre que Abril aqui passar; dou-lhe este farnel para o ajudar". Assim fará o Bloco de Esquerda. Porque 25 de Abril celebra-se mas, sobretudo, constrói-se todos os dias! Viva o 25 de Abril!"

Sónia Nobre (CDU): "Desde há 44 anos que esta é uma data de Júbilo, comemorada com emoção pelos Portugueses. Júbilo intenso pela Liberdade reencontrada, pelo fim do medo arbitrário, do desaparecer na noite sem deixar rasto, de ser condenado a penas de prisão que podiam roçar a perpétua, por capricho de um poder judicial degenerado, anticonstitucional, mesmo nos termos da Constituição fabricada pelo Fascismo. Júbilo intenso pelo rasgar de horizontes, pela possibilidade, conseguida e tornada realidade, de passar de um Estado para-medieval para a modernidade. Para vermos o fim do deprimente estado social e económico da maioria esmagadora da nossa Gente, para quem ir a campo era, literalmente, ir a campo. Para o fim das longas noites iluminadas, quando muito, pela chama azul-esverdeada do petromax, com o seu cheiro nauseabundo e pungente a petróleo queimado. Para que houvesse mais do que um telefone por aldeia, operado à distância e nem sempre eficaz Deixamos de ver as crianças com barrigas inchadas pela fome, cabelos baços e quebradiços, ranho verde e fétido a escorrer pelo nariz, dentes podres em tenra idade, sinais de mal nutrição, melhor de desnutrição. Os funerais com os caixõezinhos brancos e pequeninos, os anjinhos, praticamente desapareceram do nosso quotidiano. Em 44 anos aumentámos a expectativa média de vida dos cidadãos portugueses, à nascença em, praticamente, 20 anos. Montámos o Serviço Nacional de Saúde, que nos permitiu melhorar todos estes índices, ao ponto de sermos hoje um dos países da OMS com menor taxa de mortalidade infantil e com o maior e mais universal Plano Nacional de Vacinação. A nossa rede de Cuidados Primários de Saúde cobre praticamente o País inteiro. Pusemos de pé a Escola Pública, de qualidade, que alfabetizou a quase totalidade dos Portugueses. Os nossos jovens são hoje melhor instruídos, melhor apetrechados científica e culturalmente do que alguma vez na nossa História multissecular, ao ponto de nos termos tornados exportadores não de mão-de-obra desqualificada e básica, mas sim de técnicos altamente sofisticados e cobiçados nos Países mais evoluídos da Europa: onde antes exportávamos pedreiros, padeiros e empregados de limpeza, hoje enviamos para além fronteiras, a custo zero, médicos, enfermeiros, engenheiros, técnicos de informática e engenheiros aeroespaciais. Acabámos com uma guerra estúpida, insensata e maliciosa, que apenas favoreceu a meia dúzia de tubarões de sempre e cujo fim, ao contrário do que previam as Cassandras fascistas, não trouxe consigo o fim da Pátria, mas alargou e expandiu colossalmente o espaço da Lusofonia. Quem alguma vez pensaria que um Português iria ser

Secretário-geral das Nações Unidas? Mas não tem sido só de comemorar o júbilo de que trata no 25 de Abril de cada ano que passa. Desde o primeiro, do original, foi e será, sempre, uma jornada de luta, de intensa luta, de manifestação de vontades, de afirmação de carácter. Foi a luta do Povo que transformou o que se afigurava como um tímido Golpe de Estado, numa Revolução. Foi a luta das massas que trouxe e defendeu estrenuamente cada conquista alcançada: a Saúde, a Escola, o elevar do nível e qualidade de vida das massas trabalhadoras, que impediu o esmagamento dos pequenos e médios comerciantes e industriais, para quem o dobro a finados soou mais que uma vez. Foi a luta das massas que venceu não uma mas por duas vezes a ingerência vampiresca do FMI na nossa vida coletiva. Particularmente feroz esta última investida, com a quase destruição de todo o tecido orgânico e social da Nação, sucumbiu graças à denodada luta do Povo Português, que se corporizou no entendimento parlamentar que sustenta o Governo minoritário do PS, mas que tem permitido ainda que muito timidamente um renascer da esperança e uma confirmação de que vale a pena lutar. Vale a pena lutar para erradicar do nosso léxico palavras como: precariedade, desemprego, salários baixos, privatizações desenfreadas, resgastes bancários e corrupção. Os valores de Abril não se esgotam na nossa lembrança grata a quem nos proporcionou um viver melhor, a quem nos restituiu a dignidade, mas são valores Universais, que se preocupam com todos os povos, oprimidos, agredidos e violentados, como é o caso da Síria dos dias que correm, que se encontra à beira de uma catástrofe imaginada e levada a cabo pelas mãos cúpidas e peçonhentas daqueles que se auto-erigiram em xerifes do mundo, contando com a cumplicidade dos seus lacaios europeus, dentro ou fora, ou a meio caminho da União Europeia. Esta União Europeia é a união do capital europeu a todas as forças malélicas do capital mundial e não a União fraterna dos Povos Europeus com que todos sonhamos. O espírito de Abril é imorredoiro, os seus valores de Paz, Amizade entre os Povos, solidariedade, tolerância e humanismo irão por certo prevalecer sobre as negras forças do mal, que ensombram de forma impúdica e obscena todos os Povos da Terra. Afinal, os nossos antepassados mais remotos foram apenas um casal, um homem e uma mulher que nasceram algures em Africa. Viva o 25de Abril! Viva Portugal!”

Susana Vieira (PMG): “O momento foi histórico, daí a nossa presença hoje, aqui, nesta assembleia. Há 44 anos impôs-se o que, mais cedo ou mais tarde e em qualquer sociedade, acaba por ser a voz da razão: sobreveio a vontade popular apoiada na coragem dos militares revoltosos, e os destinos de Portugal e dos Portugueses passaram a ser ditados por eles mesmo, por quem faz deste país o que ele é, por esta massa humana de novos e velhos, homens, mulheres e crianças, que sonham com um futuro melhor a cada dia que passa. Homenageamos essa vontade e essa voz, e agradecemos. O momento foi histórico, daí a nossa presença hoje, aqui, nesta assembleia. Por um dever de memória para com os que, antes da revolução, lutaram contra a ditadura de pé, com uma coragem inabalável, enfrentando todos os fascismos, todos os machismos, toda a tirania que pintou de negro as páginas de boa parte do



século XX português. Estamos cá porque se impõe que os jovens saibam e os adultos e os velhos não esqueçam que a tortura existiu, a guerra existiu, o sofrimento existiu, a morte existiu, a censura existiu, a prisão política existiu, a fome existiu, a ignorância existiu, o medo existiu. Importa que se conheça a luta, e se apontem os protagonistas. Hoje importa lembrar os exemplos, os bons exemplos. Um nome, o de Maria Antónia Chibante, uma entre muitas, comerciante, natural de Coruche, presa em Caxias por distribuir o jornal Avante relata, após a prisão e a ida à sede da PIDE: “A mulher pide que me estava a guardar no momento, chamada Odete, tentou persuadir-me a comer mas, como não o fiz, mandou-me tirar os brincos, relógio e anel. A poucos momentos de ser rendida, deu-me umas bofetadas para me convencer a comer, mas não consegui. A seguir entrou uma outra: chamava-se Assunção. Espancou-me durante toda a noite apenas com pequenos intervalos para ela descansar. Foi de tal maneira brutal que fiquei negra da cintura até à curva da perna. Deu-me tantas bofetadas na cara que quase deixei de ver do olho esquerdo devido ao inchaço. Disse-me, cinicamente, que já estava “à Camões”. Quando tentei defender a cara, foi tal a dor ao receber a pancada do cassetete na mão que pensei que estava partida. A mão ficou toda esverdeada e inerte, só com a outra a conseguia elevar. As pancadas na nuca são horríveis, e deu-me tantas com um tipo de cutelo que me dava a sensação de a testa abrir. Entrou então outra, chamada Madalena, de porte altivo e olhar cínico, fez mordazes comentários sobre o meu aspeto e começou o interrogatório. As minhas negativas em relação às acusações que me fez ocasionaram-me mais espancamentos, principalmente na nuca, o que me levou a pensar que talvez não saísse dali com vida. Chamado o chefe Silva Carvalho, para lhe darem conhecimento de que não queria falar, disse-me: “Daqui não sai ninguém sem falar, se não falar não sai daqui viva”. Não é que eu goste de morrer, mas tão pouco me aflige a ideia de morrer. E, nessa altura, preferia a morte a trair-me a mim própria.” Homenageamos esta coragem, esta lisura, estes exemplos de resistência que nos trouxeram o 25 de Abril e, cumprindo o dever de memória, agradecemos. O momento foi histórico, daí a nossa presença hoje, aqui, nesta assembleia. A partir de 1974, e após alguns anos conturbados, este país foi avançando: nem sempre a passo certo, nem sempre com a celeridade necessária, mas estávamos a aprender a ser livres, e não se aprende a caminhar correndo, mas sim paulatinamente. A propósito, escreve a jornalista Maria Antónia Palla, após a revolução: “Agora que temos a Liberdade, o que vamos fazer com ela?” E foi o que fizemos, aprendemos a lidar com ela, a usufruir dela: com ela, e cada um de nós exercendo-a com o poder do voto popular, tornamo-nos um país melhor. Melhoramos o acesso aos cuidados de Saúde, à Educação, à Cultura, à Habitação, aos Transportes, à Justiça; tornamo-nos um país aberto ao mundo (como séculos antes tínhamos sido), com tudo o que isso tem de positivo; realizamos grandes feitos, que serviram para fazermos prova de vida perante nós mesmos e perante o mundo (Lisboa, em 1994, o Porto em 2001 e Guimarães em 2012 foram capitais europeias da Cultura; a Expo, em 1998; o Europeu de Futebol, em 2004, tudo isto apenas a título de exemplo); melhoramos e temos vindo a maximizar os nossos feitos na Ciência e na Tecnologia, e sendo reconhecidos por isso pelo resto do mundo (mais um exemplo, o de Elvira

Fortunato, investigadora do Departamento de Ciência dos Materiais da Universidade Nova de Lisboa, que obteve na passada semana uma bolsa do Conselho Europeu de Investigação no valor de 3,5 milhões de euros); potenciamos o turismo a uma escala inimaginável, com Lisboa e Porto a tornarem-se destinos incontornáveis nas rotas do lazer a nível mundial, sendo que esta tendência alastra já ao resto do país. Enfim, tanto que evoluímos, tanto que avançamos. Homenageamos todos os atores desta mudança, todo o povo, todo o empresário, todo o académico, todo o desportista, todo o estudante, todo o operário, todo o profissional liberal, enfim, todo o homem e toda a mulher lusa que, com a sua perseverança, não baixam os braços, Homenageamos e, a todos, a este grande povo português, agradecemos. O momento é histórico, daí a nossa presença hoje, aqui, nesta assembleia. Pela primeira vez, aqui, neste fórum, um movimento independente de cidadãos tem voz. Gente com Espinho como desígnio, gente com amor à terra, aos seus, aos espaços, à história deste concelho quis dar voz a quem queria mais do que a habitual rotatividade democrática. O resultado? A terceira lista mais votada nas últimas autárquicas e que se fez voz de independentes, partidários de várias forças políticas e de uma boa parte da sociedade civil. Quase 1800 votantes a quem agradecemos a confiança, nestes caminhos de Abril. Somos parte do processo de um Portugal e de um Espinho melhores, e isso nada nem ninguém nos poderá tirar. Homenageamos pois, quem em nós confiou, e agradecemos. O momento é histórico, daí a nossa presença hoje, aqui nesta assembleia. Também pela primeira vez um movimento independente encabeçado por uma mulher se apresentou à liderança dos destinos de Espinho. Se faz a diferença, se teria feito a diferença, se fará a diferença? Orson Wells disse que não há mudanças sociais enquanto as mulheres não entrarem em cena, e não é por acaso que os exemplos neste discurso se foram sucedendo no feminino: Maria Antónia Chibante, a resistente inquebrável; Maria Antónia Palla, a jornalista esclarecida; Elvira Fortunato, a cientista iluminada; e mais mulheres se poderiam aqui acrescentar, como Celeste Caeiro, a singela empregada de restaurante que, dando os cravos aos soldados naquela manhã de Abril, fez dessa flor o símbolo mais belo que uma revolução já teve. Homenageamos, pois, as mulheres de Abril, e fazemo-lo na figura de Leonor Fonseca que com a sua coragem, deu voz a largas centenas de espinhenses que nela confiaram para ter em mãos os desígnios do concelho de Espinho. Homenageamos e agradecemos às mulheres de Abril, às passadas, às presentes e às futuras. O momento é e será histórico, daí a nossa presença hoje, aqui nesta assembleia. E tão mais o será quanto melhores forem as políticas dos eleitos locais que se traduzam em benefícios para os cidadãos que os elegem. Se “agora ninguém mais cerra, as portas que Abril abriu!”, como escreveu Ary dos Santos, o movimento Leonor Fonseca - Pela Minha Gente questiona-se quando irá este executivo cerrar os diques que entretanto escaqueirou, tais são as roturas (em volume e periodicidade), que se sucedem no saneamento básico da cidade. Recordamos, a propósito, e sublinhamos a importância do segundo vocábulo (BÁSICO), que diz tudo sobre a emergência de intervenção a esse nível neste concelho: sendo uma das conquistas de Abril, não se deixe que vá por água abaixo; cresce a habitação, nomeadamente numa freguesia de Espinho cada vez mais envelhecida. Também esta



conquista de Abril se desvanece aos olhos dos jovens Espinhenses, que querem cada vez mais ficar perto dos seus, dar apoio intergeracional a pais e avós, mas vêm o desejo de aqui morar ser adiado por falta de soluções viáveis e que deveriam ser encontradas por quem gere os destinos da urbe. E a consequência? Uma terra a perder vigor, a perder fulgor, a perder dinâmica, a que escasseia energia. É urgente voltar a tornar Espinho uma cidade viva, e a mesma só voltará a sê-lo se tiver sangue a correr-lhe nas veias. Jovens e crianças precisam-se, na cidade de Espinho e freguesias do concelho: muitos, e em força, e este executivo tem obrigação de agilizar políticas de habitação. E, por último, atrair investimento que, em linguagem de leigos, se poderá traduzir por dinamizar a economia, para que esta possa gerar postos de trabalho: pergunta-se se será assim tão difícil a uma cidade como Espinho, a menos de 20 quilómetros do Porto, com praias, com excelente acessibilidades... será assim tão difícil ter capacidade para atrair empresas de base tecnológica, sedes de grandes instituições, multinacionais? Onde está o papel do atual executivo neste desígnio? Nesta conquista de Abril? Onde está o Pão? A Educação? Onde está a revitalização da malha urbana? Onde está a preocupação pela cidade? Esperamos para ver, mas esperamos com grande preocupação, pelo registo de inércia e incapacidade que se vê. Entretanto, homenageamos e agradecemos: homenageamos homens como Romeu Vitó, social-democrata que, com coragem e determinação, fez a obra que precisava de ser feita no que respeita a saneamento básico, mesmo sabendo que era coisa pouco dada a fogos-fátuos eleitorais, por estar enterrada na terra e por a maioria das pessoas a ter por garantida, seja a água que corre nas torneiras, seja o bom funcionamento dos esgotos; homenageamos igualmente José Mota, socialista e último presidente da Câmara de Espinho a ter uma política de construção de habitação a preços controlados na cidade, para manutenção dos jovens na sua terra. Homenageamos os que souberam SER, em prol de Espinho, para lá de qualquer cor política, e agradecemos. E não nos coibimos de exigir aos que estão que saibam honrar o voto popular agindo, no mínimo, rapidamente e em força, neste três eixos essenciais que acabamos de enumerar: saneamento básico, habitação e investimento. Homenageamos Abril e quem o fez, Abril e quem o faz, Abril e quem o fará. O Movimento Leonor Fonseca – Pela Minha Gente cá estará, atuante e vigilante: contem connosco para isso, Abril em Espinho também se cumprirá connosco. 25 de Abril Sempre!”

Teixeira Lopes (PS): “ Esta sessão solene da Assembleia Municipal de Espinho comemora o 44.º aniversário do 25 de Abril, ou seja, o momento mais extraordinário da História de Portugal do século XX. Alguns dos seus detratores acusam-na de ser meramente simbólica e de representar a liturgia de uma Revolução que não se cumpriu. Ora vejamos. Esta Assembleia é o coração democrático de Espinho, representando democraticamente os diversos partidos da sociedade espinhense. Ao observar a constituição desta Assembleia vejo o número de mulheres que a compõem, noto a juventude dos seus membros e por isso começamos aqui ver como o tempo histórico se encarrega de repor a verdade histórica. Representam partidos ou

movimentos de opinião com projetos e opiniões diferentes para o futuro de Portugal e de Espinho, respeitam a Democracia fundada e recuperada em Abril. A maioria ainda era criança em 1974, outros ainda não tinham nascido, outros eram jovens adultos já com provas dadas na luta antifascista. Este é o primeiro traço que distingue o Antes e o Depois do 25 de Abril. De facto, nas vésperas do 25 de Abril, Portugal vivia em ditadura. Estado Novo, foi a designação que a ditadura arranhou para “camuflar” a sua verdadeira natureza, semelhante às ditaduras europeias então na moda. Salazar, os seus amigos e apoiantes nutriam especial carinho e simpatia pelo movimento fascista italiano e pelo seu Chefe Mussolini, inspirando-se nele para a sua própria organização: um só partido – UN/ANP, uma polícia política – PIDE/DJS, uma força paramilitar para defender o regime – Legião Portuguesa, uma organização de juventude, a MP para enquadrar e controlar ideologicamente, Tribunais Plenários para julgar e condenar os democratas e as suas organizações, Informadores remunerados mensalmente exercendo o papel de Denunciadores dos Democratas. A Democracia não existia, estava congelada. Periodicamente realizavam-se (encenavam-se) pseudos eleições. Partidos, oposições democráticas, organizações sindicais livres e independentes eram proibidos. Só existiam na clandestinidade o PCP fundado em 7 de março de 1921 e o PS fundado na Alemanha em 1973. A censura /comissão de exame prévio existia para impedir a circulação das ideias democráticas, controlar a informação na imprensa, rádio e televisão, censurar livros, impedir a cultura. A “cultura” do Estado Novo era representada pelo SNI e pela FNAT, tendo como seu émulo António Ferro e outros. O Estado Novo, no fundo funcionava como uma “ditadura terrorista do capital”. Com efeito, 13 famílias dominavam a economia portuguesa: 1 banco, 1 companhia de seguros e uma indústria, comércio, Import/Export, em regime de monopólio ou seja, também não havia liberdade económica, cujo melhor exemplo é a Lei do Condicionamento Industrial. A concorrência era proibida!. Sem Democracia e um Povo iletrado, auferindo salários de miséria, fustigados pela brutalidade da GNR e da PSP, que mais do que defender a ordem pública funcionavam como algozes do Povo, reprimindo-o. As prisões fascistas estavam cheias com aqueles que tinham ousado lutar pela Democracia e pela Liberdade e por melhores condições de vida. Nas vésperas do 25 de Abril, em Caxias, Peniche, Rua do Heroísmo no Porto e na Rua Antero de Quental em Coimbra, havia mais de 100 presos políticos. A partir de 1961, o surgimento da luta armada em Angola, desencadeou a Guerra Colonial, em que os povos colonizados por Portugal procuram obter a sua independência. Objetivamente estavam criadas as condições para o desenvolvimento da luta antifascista: inexistência da liberdade e democracia; guerra colonial; economia monopolista em que a acumulação de capital resultava da exploração da mão-de-obra barata; miséria extrema do povo que emigrava maciçamente. Simultaneamente, o povo português e a luta democrática da oposição constituída pelo PCP, pelo PS, democratas sem partidos, católicos progressistas, Sedes e outros onde sobressaíram as lutas académicas, com especial relevo para a luta dos estudantes de Coimbra e da luta de jovens trabalhadores agrupados em torno do MJT, desencadearam várias formas de luta, que passavam por abaixo-assinados contra a carestia de vida, pela libertação dos presos políticos,



contra a Guerra Colonial. A Intersindical fundada em 1 de outubro de 1971 veio organizar a luta dos trabalhadores da indústria, dos escritórios, da banca e dos professores, aumentando a mobilização para a luta contra a ditadura, pela Paz e pelo desenvolvimento económico, sintetizado com os famosos 3 Dês – Democratizar! Descolonizar! Desenvolver! O 25 de Abril nasceu e veio para ficar! Os seus princípios consignados na Constituição de 2 de abril de 1976 foram aprovados por todas as forças políticas representadas na Assembleia Constituinte de 1975, com exceção do CDS que votou contra. A Constituição da República foi revista sete vezes e aí está, permitindo o funcionamento das instituições Democrática e a Democracia. Quando se fala de Democracia, fala-se de Abril; Quando se fala de Paz, fala-se em Abril; Quando se fala em Desenvolvimento, fala-se em Abril. Basta compararmos Espinho (antes e depois do 25 de Abril) sob qualquer ponto de vista: Na educação (creches, escolas pré-primárias e primárias, escolas preparatórias e secundárias), no número de alunos, na escolaridade obrigatória de 12 anos, no aumento exponencial do número de alunos a frequentar o ensino superior. Nas infraestruturas culturais: Multimeios, FACE, Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva. Na saúde (hospital renovado e aumentado, centros de saúde). Instalações desportivas (Nave, Pavilhão de Anta, recintos desportivos nas freguesias, piscina Solário Atlântico restaurada. Na Segurança Social (reformas, subsídios de doença, desemprego, etc.). Construção de estradas e melhoria de acessos. Aumento do número de associações desportivas, culturais e de carácter social, etc. O Poder Local Democrático que comprova com as suas realizações a sua importância: distribuição de água e rede de saneamento a todo o concelho e fornecimento em baixa tensão de energia elétrica. Por tudo isto, o 25 de Abril valeu a pena! Por fim gostaria de saudar todos os autarcas que depois do 25 de Abril exerceram o seu cargo nas Autarquias Espinhenses e preservar a memória de todos os Espinhenses que lutaram pela Democracia, pela Liberdade e pelo fim da exploração do homem pelo homem, pagando alguns com a prisão, a tortura e até a própria vida e de dizer não ao Fascismo!. Viva o 44.º aniversário do 25 de Abril!”.

João Passos (PSD): “Na noite de 24 de Abril de 1974, o Capitão Salgueiro Maia, em briefing, determinava aos seus subordinados: “Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos! De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui!”. Em consequência, hoje os portugueses celebram os 44 anos do assim iniciado golpe militar do 25 de Abril de 1974. Um golpe militar que hoje exaltamos, em liberdade e democracia, o que, só por si, diz muito, se não mesmo tudo, sobre os homens que, na madrugada desse dia, saíram das suas unidades e arriscaram as suas vidas para pôr termo a um regime ditatorial, opressivo (o estado a que havíamos chegado), sustentado pela censura e uma polícia de Estado impiedosa, cujo resultado operacional foram inúmeras vítimas, cujo crime foi, umas vezes, ousar pensar diferente, outras, nas mais das vezes, nem saberiam, sequer, por que tinham sido presas, torturadas ou mesmo de que eram acusadas. Um golpe militar que hoje

glorificamos porque, ao contrário do que sucedeu em muitos outros países, em que os militares se levantaram contra o respectivo regime, os nossos militares, desde cedo, tiveram o cuidado de não deixar que o poder caísse na rua e nunca fizeram intenções de converter o regime derrubado numa nova ditadura, desta feita, militar. A nosso ver, e sem querermos com isso ser redutores, são estas as principais características do golpe militar que hoje celebramos e que veio a ser conhecido pelo Mundo como a Revolução dos Cravos, a Revolução sem sangue, a Revolução que devolveu a Liberdade ao Povo português. Importa, também, neste dia, não esquecermos todos os militares anónimos que se recusaram a sair das suas unidades para combater os então revoltosos, importa lembrar aqueles que, também, com enorme coragem, se recusaram a abrir fogo contra os revoltosos, e não foram poucos ... pois sem a coragem e determinação desses a Revolução poderia ter sido um banho de sangue, dada até a nossa tão genuína e característica forma de ser que fez com que as multidões saíssem à rua, em apoio aos militares revoltosos (lembramos aqui também a exceção que foi o tiroteio na sede da PIDE em Lisboa, onde, infelizmente houve civis feridos e mortos). Hoje celebramos pois a coragem e abnegação de todos aqueles que com risco da sua própria vida permitiram que vivamos em Liberdade e Democracia. E o que fizemos e fazemos nós, enquanto depositários dessa Liberdade e Democracia, ganha e que nos foi oferecida, por esses homens? Uma vez muito, outras vezes muito pouco. No que respeita à Liberdade, essa revelou-se, até aos dias de hoje, um direito irreversível, inalienável. Temos, felizmente, uma consciência coletiva que, com maior ou menor disposição do individuo, faz com que a Liberdade, em todas as suas vertentes, seja, de facto, respeitada, desde então, não temos receio de falar, de ter opinião. Em Portugal há políticos presos, mas não há, não houve mais, presos políticos. Todavia, no que concerne à Democracia, um regime político que é reflexo e indissociável do exercício da Liberdade, tivemos avanços e recuos, algumas vezes inerentes a uma democracia jovem, determinados pelos exageros próprios daqueles que nunca haviam conhecido uma outra forma de governo que não fosse a ditadura, outras vezes pelas tentativas de imposição de um regime controlador dos direitos dos cidadãos, sob a capa de democracia, feita exagerando os demagógicos chavões da luta de classes e dos direitos dos mais desfavorecidos. Uma vez mais, felizmente, tudo acabou bem, e uma vez mais pela intervenção de militares no dia 25 de Novembro de 1975, naquele que para muitos foi um golpe militar menos honroso, apenas e tão-só, por não se revestir do romantismo próprio de uma revolução de esquerda. Aqui chegados importa refletir também sobre o grau de maturidade da nossa democracia e sobre que Democracia pretendemos. Importa sobretudo refletir se queremos uma Democracia resultante das jogadas estratégicas partidárias de manutenção ou tomada do poder ou se, por outro lado, queremos uma Democracia que seja um verdadeiro reflexo da expressão da vontade dos cidadãos. Importa, outrossim, e enquanto cidadãos com diferentes perspectivas e propostas para Portugal, mas, certamente, bem-intencionados, refletir se queremos continuar a dar espaço à simples demagogia política, que se revela como um engodo ao cidadão para cassar votos e depois fazer o contrário do que se prometeu, ou, pior ainda, se vamos continuar a abrir alas a um crescente



populismo, próprio dos momentos menos bons das sociedades humanas, mas que no passado resultou sempre em regimes opressivos, liderados por sanguinários, responsáveis por milhões de vítimas. Mais, esta não é uma questão de esquerda ou direita ou mesmo de extremas (que em rigor, não existem ou não têm expressão em Portugal)... O populismo é apenas isso, populismo. E assim que ganha o poder converte-se no pior dos pesadelos daqueles que amam a Liberdade, pois o populismo ganha eleições, mas a história ensina-nos que não se deixa derrubar por eleições. Se há uma forma de honrar verdadeiramente a Revolução dos Capitães, para nós, os do presente, é a de preservar e melhorar a Liberdade que esses conquistaram e nos ofereceram, apurando, a cada dia, mais e melhor Democracia, para que os nossos filhos possam, também eles fruir deste magnífico regime que, como disse Winston Churchill, na Câmara de Representantes em 1947: "é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais". Para que nunca mais seja necessário que um Comandante tenha de repetir as palavras e o propósito do então Capitão Salgueiro Maia: Viva o 25 de Abril. Viva Portugal."

Presidente da Assembleia Municipal: "25 de Abril de 1974 trouxe-nos a democracia, a esperança, a liberdade e a alegria, o rumo para uma vida humana no respeito que não existia até então. Anunciou a paz entre os cidadãos numa convivência alegre e fraterna, semeou a solidariedade em terreno fértil, por entre flores de confiança, pôs fim ao medo, ao terror e à guerra. Foi a raiz que trouxe a flor e o fruto, para ti e para o outro, agora e no futuro. Cais de toda a cultura e humanidade, campo de toda a educação, gosto pelo conhecimento, o ideal feito hoje. A procura do sonho que aprendemos a perseguir e prosseguir. Possibilidade de aprender a amar, saborear a doçura do amor, atingir a sabedoria da calma e da serenidade, força para mergulhar no nosso mar, coragem de ousar derrubar os obstáculos, vencer a tibieza e ser o papel branco onde pudemos escrever e inscrever-nos. Procurar atingir a utopia de ver no cor-de-rosa o aroma do arco-íris que reflete a luz, o sol e nos projeta para o etéreo. Viva o 25 de Abril. Viva a Liberdade."

Terminadas as intervenções, fez-se ouvir o Hino Nacional, após o que a Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada esta Sessão Extraordinária.

Para constar e devidos efeitos, lavrou-se a presente ata, que tem como suporte gravação digital de tudo quanto ocorreu na respetiva reunião, e vai ser assinada pela Presidente da Assembleia Municipal e por mim, Isaura Maria Gomes Pinto da Rocha Gonçalves, funcionária municipal da Divisão de Gestão Administrativa Financeira e Turismo, designada para o efeito, que a elaborei nos termos legais.

A Presidente da Assembleia Municipal,

A Funcionária Municipal,
